

81127
S586e
Ex: 1.
C 92568004

BIBLIOTECA
UNEMAT

Campus: _____ Inscrita-MT

RG N.º 00114482

Data 22 / 11 / 05

() Compra (X) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIENCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ESTUDO COMPARATIVO DO FALAR DE DUAS REGIÕES SOCIALMENTE
DISTINTAS DE PONTES E LACERDA

LUÍS CARLOS SILVA

PONTES E LACERDA, MAIO DE 2005.

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIENCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ESTUDO COMPARATIVO DO FALAR DE DUAS REGIÕES SOCIALMENTE
DISTINTAS DE PONTES E LACERDA

Monografia apresentado à UNEMAT/Campus
Universitário de Pontes e Lacerda como
requisito final para obtenção do grau de
Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profª. Kátia Chaves de Freitas

PONTES E LACERDA, MAIO DE 2005.

A todos que me fizeram caminhar e me apaixonar pelos caminhos da lingüística.

À profª. Antônia Selma e seu esposo prof. Helder pela amizade e companheirismo dispensados a mim desde muito antes de minha vida acadêmica.

Ao Michel, ao Ney e a Michelle, amigos, irmãos e companheiros de churrasco e chimarrão.

À Matilde, que muito mais que uma companheira de chimarrão, tem se mostrado uma verdadeira mãe para mim.

Agradeço minha professora, orientadora e acima de tudo, amiga, Kátia, pela amizade dispensada a mim durante todo este tempo que estou na faculdade.

A minha família por mostrar o valor da ética, do respeito e acima de tudo, do pensamento livre, do amor pelo saber e pela liberdade de criar.

Às minhas amigas Aparecida e Adrielly por se mostrarem amigas e companheiras.

Ao Eduardo, seus pais e sua irmã, que apesar de pouco que conheceram de mim, mostraram o valor de uma verdadeira amizade e da confiança.

Ao Tiago Rafael de Sousa Nunes e a Henry Herbele, amigos, companheiros e irmãos a todo tempo.

*"(...)A vida não me chegava pelos jornais
nem pelos livros*

*Vinha da boca do povo na língua errada do
povo*

Língua certa do povo

*Porque ele é que fala gostoso o português do
Brasil (...)”*

Evocação de Recife

MANUEL BANDEIRA

SUMÁRIO

1 – Introdução.....	07
2 – Dados gerais do município.....	08
3 – A questão da variação lingüística.....	22
3.1 – Breve histórico sobre os estudos da variabilidade lingüística.....	22
3.2 – A variação lingüística.....	24
4 – A pesquisa.....	26
4.1 – Sistematização dos dados.....	27
4.2 – Análise dos dados.....	58
5 – Considerações finais.....	65
Referências Bibliográficas.....	66

1 – INTRODUÇÃO

Quais são as diferenças entre os falares das pessoas de Pontes e Lacerda? Que efeitos teve a imigração de mineiros e paulistas para esta cidade? Existem diferenças nos falares de classes sociais distintas?

Estas foram alguns dos questionamentos existentes quando foi proposto esta empreitada: fazer um estudo de duas regiões geográfica e socialmente diferentes. E aqui está o resultado. É lógico que este trabalho não é um fim em si, nem tem a proposta de descrever todos os aspectos das variantes lingüísticas. Ao contrário, deve ser encarado como um início, tanto para o autor como para os demais que se interessarem e se apaixonarem pelos caminhos da sociolingüística.

Primeiramente apresenta-se uma visão histórica do surgimento e constituição destas duas regiões. Nela, confrontam-se os relatos oficiais de fundação e surgimento de Pontes e Lacerda, bem como as memórias de pessoas que testemunharam os primeiros tempos.

Após isto, faz-se um breve apanhado sobre a sociolingüística, seu surgimento e seu objeto de estudo. Nele pode-se ver todo o processo de evolução nos estudos variacionistas, bem como sobre as diferentes formas de variações.

Finalmente, são expostos os dados coletados em minha pesquisa, bem como sistematização e apresentação de algumas conclusões a respeito. Novamente deve-se destacar o caráter limitado e limitador desta obra, principalmente sua incompletude, devido às constantes mudanças na linguagem, bem como as próprias características do trabalho.

2 – DADOS GERAIS DO MUNICÍPIO.

A história genealógica remonta o município de Cuiabá, que deu origem ao município de Vila Bela da Santíssima Trindade, sendo que com o decorrer do tempo, o mesmo foi dividido e deu origem ao município de Pontes e Lacerda.

A população do município, de acordo com dados o IBGE do ano de 2.000 é de 41.371 habitantes, sendo que destes, 23.331 são eleitores, de acordo com dados do TRE do ano de 2.000. A denominação dos habitantes é lacerdenses.

O município faz divisa com os municípios de Vila Bela da Santíssima Trindade, Porto Esperidião, Vale de São domingos, Tangará da Serra e Conquista D'Oeste. Sua altitude é de 252 metros acima do nível do mar e possui extensão territorial de 14.747, 11 km². Possui coordenadas 15° 13' 16" latitude sul, 59° 20' 18" longitude oeste Gr. distando da capital 442,90 km, situando-se na mesorregião Sudoeste mato-grossense, Microrregião Alto Guaporé.

O relevo tem como destaques a Chapada dos Parecis, o Planalto Residual Guaporé e a Serra de Santa Bárbara, onde se localiza o Monte Cristo, Ponto Culminante do estado com 1.118 metros de altitude. Sua formação geológica é formada por coberturas não dobradas do Fanerozóico, Bacia Quaternária do Guaporé. Coberturas dobradas do Proterozóico com granitóides aglomerados. Grupo Aguapeí. Complexos metamórficos arqueanos ou pré-cambrianos indiferenciados, Complexo Basal, Faixa Móvel Rondoniana.

Quanto à hidrografia, a região é dominada pela Grande Bacia do Amazonas, sendo que os principais tributários da região são os rios Guaporé e Juruena. Nesta região localiza-se também o maior estrangulador de águas da América do Latina, que divide as bacias Amazônica e do Prata.

O clima é tropical quente e sub-úmido, com 4 meses de seca que duram de junho a setembro. O período de auge na precipitação de chuvas é de dezembro a fevereiro. A temperatura tem a média de 24 graus, sendo a maior de 38° e a menor de 0°. As atividades econômicas existentes no município são o extrativismo mineral e vegetal, além da pecuária, agricultura, comércio e culturas perenes.

Com relação ao processo histórico, como ele é encarado como de extrema importância para entendermos a própria essência deste trabalho, acredita-se que uma melhor forma de abordá-lo é por cruzar os diversos textos, com seus sentidos diversos. Sendo assim, resolveu-se acrescentar neste trabalho três textos que discorrem acerca da fundação de Pontes e Lacerda, desde os seus primórdios, passando pela vinda dos imigrantes paulistas até uma data mais recente. Tratam-se de textos que foram utilizados pela professora Kátia Chaves de Freitas em seu ensaio monográfico intitulado “O Funcionamento dos sentidos silenciados ou não nas narrativas orais e escritas na/da fundação do município de Pontes e Lacerda”. Tais textos utilizados pela autora nos ajudarão a ver um pouco como se deu o processo histórico de formação do município.

Talvez se pergunte qual é a importância de se conhecer isto. Simples. Como bem se sabe, os valores de uma sociedade são constituídos historicamente e, assim como a história, a linguagem também acompanha, modifica-se e sofre as alterações do tempo e dos valores sociais. Assim, como nosso estudo está baseado na identidade de duas regiões historicamente distintas, entender o processo histórico de formação delas ajudará assim a entender melhor a profundidade deste trabalho. Primeiramente é apresentado um texto histórico oficial e após este, apresento dois textos de entrevista realizadas e transcritas pela autora.

Texto I*

Pontes e Lacerda

Histórico – Os primeiros habitantes da região do município de Pontes e Lacerda foram os índios do povo nhambikwára. Os paulistas devassadores da região, nos primeiros tempos denominaram esses índios de cabichis ou cavichis.

Hoje em dia a denominação cabichi é utilizada entre os índios do povo paresi, para um grupo da sua própria tribo, que é tratado como antropófago na cultura tribal.

Apesar da dizimação da tribo por preias dos paulistas e problemas de aculturação, ainda hoje uma parte do povo nambikwára mantém vida organizada

no município, em área indígena denominada Sararé. Nesta mesma área, em 1987, habitavam 41 índios.

Grande mérito teve o padre Antonio Tási Júnior na estabilização dessa área indígena, contribuindo decididamente para superar as crises provocadas por fazendeiros da região, sendo necessária a intervenção do exército para a demarcação da reserva.

No tempo histórico escrito, a região de Pontes e Lacerda teve movimentação antiga. Acompanhou a movimentação dos garimpos da região de Vila Bela da Santíssima Trindade. No entanto, não ficou registro histórico de maior monta.

Em 1.906 a região passou a ser objeto de trabalho da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, comumente denominada Comissão Rondon.

Pontes e Lacerda era estação telegráfica na linha variante entre Cáceres (cidade então denominada São Luiz de Cáceres) e Mato Grosso (então denominação de Vila Bela da Santíssima Trindade).

A denominação Pontes e Lacerda é recente, mas tem origem nos nomes dos astrônomos e cartógrafos Antônio Pires da Silva Pontes, que era mineiro e Francisco José de Lacerda e Almeida – paulista. Ambos eram diplomatas pela Universidade de Coimbra – Portugal. O binômio Pontes e Lacerda honra os dois astrônomos.

Os dois ilustres cartógrafos e astrônomos elaboraram em 1784 a primeira carta geográfica dos rios da região, partindo de Vila Bela, rumando para o Rio Jauru. Foram descritos assim os rios das bacias Amazônica e Prata.

Para os trabalhos da linha telegráfica, a Comissão Rondon designou na função de encarregado geral o Sr. Antônio Colombo; Emiliano Coleta da Cunha, atendente de telefonia e filho de Antônio Colombo; Benedito Francisco da Silva – guarda da linha.

Nesse tempo o local começou a ser conhecido também como Vila dos Pretos.

A 19 de julho de 1.909, o governo destinou 3.600 hectares de terras para o centro da povoação.

* CHAVES, 1.999. pp.25-29

O desenvolvimento, no entanto, caminhou lentamente.

A 22 de julho de 1947, Mariano Pires de Campos chegou a Pontes e Lacerda, a pé acompanhado de 22 índios do povo paresí, em marcha seguindo o Rio Guaporé, ocupando-se com a extração de poaia.

Em 1952, o engenheiro Wilton, a mando do governo, realizou as primeiras medições, bem como a locação de fazendas da região.

Em 1.955, o Sr. Benedito, da cidade de Garças, Estado de São Paulo, estabeleceu-se na região denominada São José, acompanhado de várias famílias. Plantaram arroz, milho e feijão. A safra foi generosa, só de arroz colheram 200 sacas.

A 2 de setembro desse mesmo ano, teve início a medição de terra da Colonizadora Sul Brasil, na localidade de Pindaituba. O chefe da colonização era Jorge Lemos.

No ano de 1960, chegou o Sr. Joaquim Goulart, proveniente de Barretos, Estado de São Paulo. Trouxe consigo algumas famílias e abriu uma fazenda nas margens do Córrego da Onça, plantando os primeiros pastos do futuro município de Pontes e Lacerda.

Joaquim Goulart trouxe consigo uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Logo construíram uma pequena igreja, na Vila dos Pretos, entronizando a santa.

Em 1.962, chegou a Pontes e Lacerda uma equipe do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem – DNER, a fim de abrir estrada em direção à Vila Bela da Santíssima Trindade.

Terminada a estrada, o cozinheiro da equipe construtora, Manoel Basão, permaneceu em Pontes e Lacerda, construindo um barraco onde atualmente se situa a Avenida Marechal Rondon.

As novas famílias, que vinham chegando a Pontes e Lacerda (que ainda não tinha esta denominação) foram se localizando junto ao barraco de Manoel Basão. Este ajuntamento de barracos e pequenas casas distava em torno de três quilômetros da antiga Vila dos Pretos.

Nesta época as famílias provinham mais dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. Posteriormente vieram de outros lugares, especialmente da região norte paranaense.

O desenvolvimento geral de Mato Grosso teve influência no desenvolvimento de Pontes e Lacerda. Além das facilidades promovidas pelo Estado, entre elas a venda a baixo custo de terras, o governo federal desenvolveu planos de arrimo por meio de abertura de estradas, financiamento favorável, projetos especiais da Sudam e Sudeco.

Com o desenvolvimento, a Lei nº 3813 de 06 de dezembro de 1976, sancionado pelo governador José Garcia Neto, criou o distrito de Pontes e Lacerda, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

O Decreto 940, de 11 de maio de 1977, criou uma Unidade Sanitária, tipo U-1, na sede do distrito.

O afluxo de migrantes à região foi imenso. Porém o que significou aumento demográfico significativo foi a descoberta de ouro, nos garimpos da serra de Santa Bárbara e do Caldeirão, aos borbotões.

A Lei Estadual nº 4167, de 29 de dezembro de 1979, de autoria do deputado Ubiratan Spinelli e sancionada pelo governador Frederico Campos, criou o município de Pontes e Lacerda, com território desmembrado do município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

A instalação oficial deu-se somente em janeiro de 1981, ocasião em que se tomou posse o Sr. Gercino Rodrigues de Souza, na condição de primeiro prefeito municipal nomeado. Dois anos depois entregou o cargo ao Sr. Dionir de Freitas, primeiro prefeito eleito.

Fator de progresso foi o asfaltamento da BR – 364, que liga Cuiabá a Porto Velho, passando pelo município de Pontes e Lacerda.

Chama-se a atenção para o trecho destacado do texto:

As novas famílias, que vinham chegando a Pontes e Lacerda (que ainda não tinha esta denominação) foram se localizando junto ao barraco de Manoel Basão. Este ajuntamento de barracos e pequenas casas distava em torno de 3 quilômetros da antiga Vila dos Pretos.

Percebe-se aí o surgimento de um aglomerado de casas diferentes do agrupamento original, quer seja pela distancia geográfica, situada a três quilômetros de distância do povoamento mais antigo, quer pela sua própria formação histórica, de pessoas vindas de fora, de outros estados, diferentes dos que habitavam a antiga vila, que eram na sua maioria originário de Vila Bela. Entretanto, tal relato tem muito pouco a revelar acerca das relações que foram travadas entre os membros destas duas comunidades. Tais relações são expostas nos relatos orais a seguir, revelando como se deu a constituição destas duas regiões distintas.

Texto II^A

Relato obtido a partir do depoimento do Sr. Elízio Ferreira de Souza, brasileiro, maior, casado, residente à Av. Pouso Alegre, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

A comunidade Pontes e Lacerda surgiu é com pessoas que se residiam em Vila Bela e que eram funcionárias da Linha de Correios e Telégrafos... que foi implantada na época Rondon... que fazia necessário de ponto em ponto existir pessoas que acompanhassem o trabalho... né? (...) porque era através do fio e esse fio geralmente sempre caia um pau... uma coisa tinha ter pessoas que dessem assistência nesse trecho aqui para evitar fogo assim por diante(...)

(...) e Pontes e Lacerda era um ponto sentinela... um dos pontos mais próximos de Vila Bela... que em seguida se descobriram que área de Pontes e Lacerda era uma reserva... uma grande reserva do governo... descobrindo que seja começou a surgir os imigrantes com interesse de adquirir terra... né? (...) e as terras era devoluta ainda né? (...) e foi chegando essas famílias de grileiros... principalmente essas famílias dos Azambuja... dos Arantes... foram as primeiras famílias de imigrantes que começaram a chagar ali... mesmo antes de isso... ali

ficou transformado no acampamento do D.N.E.R... eles estavam trabalhando nas estradas...né? (...) fazendo a abertura das estradas de Porto Esperidião para cá e ali ficou como central... o ponto de acampamento desse pessoal... alguns foram embora e outros já ficaram... um deles nós chegamos a conhecê-lo... um senhor por nome de (...) Dorvalino... que fazia parte da equipe do DNER que ficou residindo em Pontes e Lacerda... constituindo família e assim por diante... mas nesse momento ali que começou já a extensão daqui da Vila Guaporé, que é a Vila dos "Pretos"... falada embaixo... e por essa razão que eu já disse... a partir daí começou a habitação mais para cima... uma terra muito boa fértil e alta... né? (...) muito bem melhor para o pessoal começarem a desenvolver o município...

... um dos fatores... isso aconteceu até em Vila Bela... geralmente pessoas que são os primeiros habitantes no caso aqui nos temos o exemplo dos índios... os índios simplesmente não desenvolveram-se na agricultura e canto nenhum praticamente... né? (...) eles se adaptaram a morar sem assim um grande interesse já os imigrantes eles já vieram de uma área bem desenvolvida e que talvez não teria mais espaço para eles... uma ambição muito bem maior... de ocupar o espaço e se desenvolver e de crescer... enquanto o pessoal da terra é um pessoal mais humilde... talvez sem condições financeiras para se desenvolver... né? (...) e ficaram naquela... né? (...) e geralmente os imigrantes vêm com aquela ambição... de mais... mais e mais... assim por diante...

(Em relação à escravidão) ... a vida do passado foi uma vida muito sacrificada... a humildade seria a base de tudo para eles sobreviver... porque... se exaltasse morria(...)

Este texto dá a primeira pista para desvendar como se deu o processo de colonização. Uma das partes de mais significado é o trecho seguinte:

(...) já os imigrantes eles já vieram de uma área bem desenvolvida e que talvez não teria mais espaço para eles... uma ambição muito bem

⁴ CHAVES, 1.999. pp.29-31

maior... de ocupar o espaço e se desenvolver e de crescer... enquanto o pessoal da terra é um pessoal mais humilde... talvez sem condições financeiras para se desenvolver... né? (...) e ficaram naquela... né? (...) e geralmente os imigrantes vêm com aquela ambição... de mais... mais e mais... assim por diante... (...)

Pode-se observar bem que estabelece-se um contraste entre os imigrantes e os habitantes antigos de Pontes e Lacerda, originários de Vila Bela. Os imigrantes são representados como sendo ambiciosos e conquistadores, em contraste com os que já habitavam Pontes e Lacerda. O texto seguinte, entretanto, expõe com mais detalhes este período. Através dele pode-se ver um pouco mais sobre os sentidos que operavam e que constituíram o início das regiões aqui estudadas.

Texto III^Σ

Relato obtido a partir do depoimento da Sra. Ervelina Francisco da Silva, brasileira, maior, casada, nascida em 08 de março de 1947 e residente à Av. Marechal Rondon, s/nº em Pontes e Lacerda.

Eu so de Pontes e Lacerda ... Vera Glória né? (...) história que minha mãe conta... né? (...) ... Carlos Pereira... né? (...) ele não era telefonista... ele era morcista... só que naquela época logo em seguida dois anos de serviço... os índios pegô e matô a mulher dele que era Maria Amélia... que ficô sendo o time formado Santa Amélia... mas com a morte da mulher dele ele abandonô o telefone né? (...) e levô o morci... foi embora para Campo grande e levô o morci e Pontes e Lacerda ficô abandonada né? (...) sem morcista... sem telefonista sem nada aá... sem guarda sem nada

... tinha Antônio Colombo Coleta da Cunha que veio para cá mais os índios atacavam muito ele sempre a acompanhado de duas pessoas... mais não era

^Σ CHAVES, 1.999. pp.31-38

guardas... fios aí ele com muito medo mandô busca e vieram né e pediu reforço da Vila Bela da Santíssima Trindade que veio meu pai Benedito Francisco da Silva... Valenti Fernando Leite... Ozeno Bispo Lino (falecido) Ancelmo Ribeiro... Emoji este aí foi filho de Vila Bela como meu pai... tinha a família desloco da Vila Bela em 05.02.45... veio pra Pontes e Lacerda

... eu fui a primeira criança que nasceu aqui em Pontes e Lacerda ... êê nasci aqui em Pontes e Lacerda aos 8.03.47 ... a parteira que me pegô tinha tanto medo de passa numa ponte... nunca tinha passado numa ponte... passo numa ponte construída pelos engenheiros de Marechal Rondon... passo de quatro pé...

... então eu sô a PRIMEIRA CRIANÇA DE PONTES E LÁCERDA

... esse foi o começo de Pontes e Lacerda ... e logo vieram outras famílias né? (...) o que pra lava ropa no rio que os de índios atacava muito ... tinha aqui dois guarda fios armado de 44 que é inchești pra cuida a minha mãe e eu enquanto ela lavava a ropa por que o encarregado que era o seu Antonio Colombo tinha muito medo de índio e só ficava na estação que fala agora correio que naquele tempo chamava-se estação correio de telégrafos ... seu Antonio Colombo não era morcista ele era telefonista já começo trabalhar com telefone encarregado de chefe de sessão naquele tempo tinha chefe de sessão ... isso é história i aí vieram as famílias dos guardas ... história que a mamãe sempre conta...

... em 44 êêê... veio mais família...

... Emiliano Coleta da Cunha cá família...

... Emoji cá família ...

... Ancelmo Ribeiro com a família ... já ficava muito guarda fio e Pontes e Lacerda então aí ficava muito em Pontes e Lacerda e então já tiro meu pai pro Porto Esperidião que tinha também a estação que é o é o correio ... Porto Esperidião aí desloco meu pai Benedito Francisco da Silva e Juvência Frasão de Almeida pro Porto Esperidião...

... fico o seu Antonio Colombo como chefe de Pontes e Lacerda e meu pai e Porto Esperidião...

... desloco uma telefonista de Cáceres que era Celina Leal ... nessa época eu tinha 3 anos... (1950) então essas viaje era feita meu pai viajava quando acontecia um incidente do telefone não fala né? (...) meu pai viaja ele e Juvenço Frasão de Almeida viajava até de Porto Esperidião até Pontes e Lacerda por dentro das

matas olhando os paus que tinha caído de coma da linha prá tora pra da vós ... então deslocava meu pai e Juvenco né e daqui prá lá seu Antonio e mais dois guarda fios ele não viajava só cum um... só dois era três pessoas até que encontrava o defeito de Porto Esperidião...

... até Pontes e Lacerda era três dias de viagem a cavalo e lombo do cavalo e naquele tempo viajava os correieiros que levava correspondência era burro ... carro de boi ... de Pontes e Lacerda à Cáceres era a correspondência que hoje viaja de ônibus ... naquele tempo só viajava animais no lombo de boi era boi que carregava cangai o carroça... carro de boi... aíí ... carro de boi exporta carga... o correieiro era Arlindo Bispo de Oliveira ... Paulo Izidio amaro o outro correio era Benedito Dureza ... essas pessoas tinha muita responsabilidade de carrega essas correspondência que ia pra Cáceres... ele sofria muito era uma viagem muito sofrida de 47 a 1960 essa labuta essa luta em 1949 a gente mudô pra Porto Esperidião eu tinha dois anos ... de 49 a 60 meu pai fez Porto Esperidião a Pontes e Lacerda acompanhando esse chefe que era ... meu pai ... Benedito da Silva e o chefe dele Antônio colombo da Cunha meu pai e Juvenço F. Almeida que trabalhavam sozinho ... dois funcionários que trabalhavam sozinho sempre que estava fazendo marração no posto no trecho ele escutava ... eles não largavam os cachorros adivinha ... os cachorro sentiam o cheiro dos índios ... eles tinham que desce os índios era bravo mais graças a Deus nunca aconteceu nada...

... em 1960 começô o primeiro carro ... pau-de-arara ... não ... o carro era de Airton Motex ... vinha de Cáceres e Vila Bela isso era 8 dias de viaje que eera um motorista muito valente ... motorista muito valente de confiança...

... esse Airton Motex ele começô a vida dele muito simples na estrada ele começô em 1947 ... mãe tava grávida quando ele sempre passava ... e esse acácio Coelho era motorista... amigo pesso valente de muita força... muita força... era um preto de muita força muito corajoso...

... 1960 já surgiu outro carro que era Zetim aí começô mais movimentação mais evolução nessa altura Pontes e Lacerda foi aumentando crescendo vindo mais famílias...

... 1960 entrô o governador Fernando Correia da Costa... conheceu... veio em vila Bela que conheceu a dificuldade dos vilabelenses e começô a funda a estrada ...

com a companhia DNER trabalho dia e noite e 1964 foi a inauguração da estrada de Cuiabá a Vila Bela que Tiro mais um pouco o sofrimento dessas pessoas...

... 1964 chegô os Azambujas em Pontes e Lacerda ... chegô os Azambujas em Pontes e Lacerda ... quando eles chegaram as pessoas de Pontes e Lacerda eram muito humildes eles eram pretos e humilde que eles se abraçaram Pontes e Lacerda ... a vila que eles acharam que eles colocaram agora Vila dos Pretos... eles acharam Vila dos Pretos formada pelos barracões da DNER que eles abraço Pontes e Lacerda de unhas e dentes que não foi eles que fizeram Pontes e Lacerda...

... o povo de Pontes e Lacerda era humilde ... de cor ... família boa humilde ... e eles abraçaram ... e eles colocaram esse apelido de Vila dos Pretos... chegaram ... os pretos receberam eles muito bem... eles era muito estudado... conhecia terra boa foram abraçando... pegando... pegando inclusive ... eles conheceram o povo a humildade de Pontes e Lacerda...

... ele habitaram na Vila dos Pretos ... eles mandô buscar família deles que tava lá em Caarapó... Três Lagoas in Miranda in Minas ... lá vieram e foram cortando estas terras e sendo dono... seno dono... inclusive hoje tem pessoas de Pontes e Lacerda filho de Pontes e Lacerda que não tem nem um lugarzinho pra fazê uma casa de tão humilde que são ... só que quando eles vieram de lá da terra deles eles não vieram muito... eles só eram estruidos... estudados... mas eles eram ambicioneiro porque quando vieram de lá não veio de condução própria ... vieram de pau-de-arara... vieram tudo misturado era cavalo gente... era cachorro... era tudo misturado quando era coisa misturado com eles então pró pontelacerdense foi uma admiração quando eles chegam tudo misturado assim, eles era tudo misturado assim ... pessoas tudo suja... não sabia toma banho...

... inclusive tinha áááá professora Dona Cirila Francisca da Silva ela que alfabetizo essas pessoas... incentivo eles que deu educação pressas meninas mas vieram esses rapazes eles nem sabia nem conversa ... só sabia ter ambição da terra Pontes e Lacerda ... eles ... porição que eles falam que são fundadores ... eles são donos... mas antes tem muitas pessoas aqui que são dono ... aqui tinha a igreja católica ... aqui tinha as missão cristã ... que inclusive foi um alemão seu Urva e dona Cristina fundaram a missão cristã...

... aqui tinha muito bastante crente... bastante católico... mais era tudo humilde e eles chegaram e cresceram os olhos e foram pegá na terra... e foram pegá ... as terra de Pontes e Lacerda que hoje em dia eles tão ambicioneiro que eles são... que já passaram muito vexame ... já passaram vergonha já ficaram muito humilhado mais eles não são os fundadores de Pontes e Lacerda não ... aqui tem muita raiz ainda de Pontes e Lacerda gente humilde...

... dessa imbição dessa terras que foi sendo muito falada que Pontes e Lacerda se tornô cidade sangrenta que eles que começaram ...

... essa imbição pegava um pedaço vendia ... pegava um pedaço vendia ... assim eles foi esparramando isso ii começo uma cidade sangrenta...

... a guerra dos Catolinos que foi uma guerra muito feia e que morreu muita gente... só que morreu gente de fora os matogrossense quase não envolveu... todo mundo era pobre ficava até comedo das pessoas que viam de fora e vinham para pega terra por que os pontelacerdense continua humilde e pobre o poquinho que eles pegaram ainda tem ... eles brigavam entre eles por causa dessa terra...

... na Vila dos Preto mesmo que a professora dona Cirila tinha o barracão que dava aula ... ela alfabetizava os brancos que chego de lá que coloco o apelido de vila dos pretos e os pretos mesmo que tinha bastante preto civilizado aqui tinha bastante preto que hoje em dia trabalha em vários serviço junto com os brancos que vieram de lá pra estudar na Vila dos pretos e essa professora veio de Vila Bela... uma viúvamuito sofrida mais também que foi as pessoas que deram a mão pra ela ... humilde e ela é preta ... também parente de Benedito F. da Silva... meu pai... i o Antonio Colombo... o Emiliano deu muito ajuda pra ela ... i tem uma pessoa que eu esqueci de cita o nome dela no começo... Mariano Pios ... ele veio acompanhando Marechal Rondon 1945 ... e eles veio com dois engenheiros que fez as pontes de Pontes e Lacerda ... Mariano P. de Campo é de Barra do Bugre descendente de bugre índio brasileiro... mais civilizado... esse aí ajudado muito P. Lacerda ... um homem batalhador...

... ele era acompanhado de engenheiro de agrimensor ... ele também criava muito cachorro e ele sabia quando os índios viam pra atacá ... ele avisava as pessoas... não sabia as pessoas que acompanhava não sabia quando os índios ia atacá então os cachorros que ele criava sabia quando os índios vinham acatá ele já avisava ...

se acomodava nas ruas barracas... ninguém saía do lado de fora para não ser frechado por índio...

... aí aaa Vila que falam Vila dos pretos foi crescendo... foi crescendo... masi a escola veio pra cima a escola 14 de Fevereiro Qui funciona pela professora cirila ... lá já foi Vila dos Pretos o primeiro padre veio prá celebra missa ... padre José... mais nun foi a família dos Azambuja que foi buscar o padre que nem eles fala que foi eles que tinha uma farmácia eles montaram uma farmácia... mas o seu Urva e dona Cristina era parteira... enfermeira e o seu Urva era como médico... atendia todas as pessoas... não foi a família azambuja igual eles fala que foi eles ... foi eles que fez Pontes e Lacerda ... não foi eles não que fundo P. Lacerda...

... inclusive tem uma pessoa que escreveu o livro... pessoa que não vô cita o nome que tá tudo com mentira ... esse livro foi escrito tudo como mentira ... a pessoa que escreveu esse livro ele não pesquiso as pessoas bem antiga de P. Lacerda ... ele pesquiso a família Azambuja de Pontes e Lacerda... as raiz de P. Lacerda quando escuta história desse livro que ele escreveu ele lia nos rádio ... passava na televisão ... as pessoas mais de idade que conhece P. Lacerda ficô com raiva ... não foi eles ... foi os negros de Vila Bela que vieram de Pontes e Lacerda que fundaram P. Lacerda...

... a minha mãe foi uma das primeiras pessoa que fundo Pontes e Lacerda... meu pai háaa dona Ana Maria da Silva ... Benedito F. da Silva ainda tem vivo dona Anastácia... tem vivo dona Zenina ... tem uma professora bem mais velha do que eu já aposentada ... Ana Justina que conhece a história de Pontes e Lacerda...

... outra coisa que eles fizeram errado em P. Lacerda foi ... é eles desmancharam a estação... deixô as pessoas pegá o zinco o madeiramento e eles fizeram outro correio mais não no modelo do correio... mas não no modelo antigo... tinha que fazê mais no mesmo modelo do primeiro nem falava correio era uma casinha bonita ... no Porto Esperidião tem... o correio do jeito que ele era modelo da estação mais aqui em Pontes e Lacerda as pessoas tomaram conta... vê se as pessoas fazem uma estrutura do correio feito pelo Marechal Rondon ... iii ... quando as famílias de P. Lacerda as crianças ficô assim inibida por que quando eles saíam na rua assim que nem era rua... um pátio... as pessoas achavam graça davam risada dos negrinhos eles eram simples de calçãozinho... descalço... cabecinha de coco ... então cumê/ eles eram branco davam risada e foi falando

A PESQUISA

Para a realização da pesquisa, primeiro definiu-se os critérios para escolher os entrevistados que iriam fornecer os dados da pesquisa. Para que houvesse uma maior margem de acerto, optou-se pelos seguintes critérios:

- Escolaridade até 8ª. Série do Ensino Fundamental;
- Escolaridade a partir do 3º. Ano do Ensino Médio;
- Idade inferior a 40 anos;
- Idade superior a 40 anos
- Sexo masculino;
- Sexo feminino

Desta forma, obteve-se um total de oito informantes de cada região, perfazendo um total de 16 informantes.

Após a definição dos critérios dos habitantes a serem entrevistados, passou-se a realizar as entrevistas. Para isto utilizou-se um gravador marca Panasonic, modelo RN – 305 com fitas K-7 Panasonic MC-60, Ficha do Informante e Questionário Morfossintático (QMS) retirados do *Atlas Lingüístico do Brasil: questionário 2001*, produzido pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB.

De posse das entrevistas gravadas, passou-se então a organizar os dados em uma tabela para melhor sistematização, leitura e interpretação deles, seguindo a ordem que os itens aparecem no questionário. Cada tabela corresponde a um item do questionário.

Abaixo temos as tabelas com os dados, bem como algumas conclusões acerca dos dados levantados. É necessário ater-se ao fato de que devido a própria natureza social e humana da língua, os mesmos poderão apresentar certa variabilidade, podendo, com o passar do tempo não representar mais o quando lingüístico destas regiões.

Para maior comodidade, adotou-se alguns símbolos na tabela para descrever as ocorrências: o “X” marca que espécie de variante foi encontrada; já o “#” marca que nenhuma das variantes pesquisadas foram encontradas na resposta do entrevistado.

4.1 - Sistematização dos dados

I – ARTIGO

Artigo diante de nome próprio

1 –

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Ocor.	Ñ. Ocor.
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

2-

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Ocor.	Ñ. Ocor.
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	

	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

A partir da leitura das duas tabelas acima pode-se extrair os seguintes dados e conclusões a respeito do uso de artigos antes de nomes:

A – para os entrevistados de classe média, tem-se 11 ocorrências de artigo antes dos nomes para 1 não-ocorrência;

B – para os entrevistados da classe popular, tem-se 12 ocorrências de artigo antes dos nomes para 2 não-ocorrências;

Tal margem de diferença, entretanto, não parece ser uma variação a ser considerada, principalmente porque comparando-se os dois quadros com relação aos entrevistados, percebe-se que ocorre também o artigo na frente dos nomes, o que leva a crer que se trata de uma variação situacional sem relevância.

II – SUBSTANTIVO

Gênero

3 – Alface

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Masc.	Fem.
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X

			Mais 40 anos	#	#
--	--	--	--------------	---	---

Quanto a tabela acima, percebe-se o índice de 6 ocorrências de feminino e zero de masculino para o substantivo alface para falantes de classe média e de 5 ocorrências de feminino e 1 de masculino para o mesmo substantivo em falantes da classe baixa.

4 – Cal

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Masc.	Fem.
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Para o substantivo cal tem-se a ocorrência de 5 com gênero masculino e uma de gênero feminino em falantes de Classe Média para 7 ocorrências de masculino e nenhuma de gênero feminino em falantes de Classe Baixa

5 – Guaraná

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Masc.	Fem.
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	

Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em guaraná tem-se todas as ocorrências em gênero masculino para ambos os falantes das duas classes.

Conclui-se, assim, que há variação com respeito ao emprego de gênero em alguns substantivos. Entretanto, tal variação não é muito grande, indicando que com relação ao emprego de gênero em substantivos, há uma certa uniformidade para ambos os falantes das classes estudadas.

Feminino de

6 – Alemão

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				Alemanhense	Alemã	Alemoa
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos		X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos			X
		2º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos		X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos		X	
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#

Aqui tem-se a ocorrência de somente uma variedade para o feminino de “alemão” para falantes de classe média, sendo “alemã” a que aparece. Já em falantes de classe baixa, tem-se 3 ocorrências de “alemanhense”, 3 de “alemã” e

uma de “alemoa”. Apresenta-se, portanto, um grande contraste de variações entre os termos utilizados pela classe baixa, o que não ocorre com falantes de classe média.

7 – chefe

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				A chefe	Chefa
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

O quadro inverso é percebido com referência ao substantivo “chefe”, sendo que em falantes de classe média encontra-se as formas “chefe” (3), comum de dois gêneros e “chefa” (2), o que não ocorre em falantes da classe baixa, sendo que todos empregaram o termo comum de dois gêneros.

8 – Ladrão

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				Ladrão	ladra	ladrona
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos			X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos		X	
		Até 1º grau	Menos 40 anos	X		

Baixa	Masculino	2º grau	Mais 40 anos			X
			Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos		X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos			X
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#

Para o substantivo ladrão, tem-se:

Classe média: 4 – ladra e 2 ladrona

Classe baixa: 2 – ladrão, 3 ladra e 2 ladrona

9 – presidente

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				A pres.	presidenta
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Para o substantivo presidente, tem-se:

Classe média: 4 – presidente e 2 – presidenta;

Classe baixa: 4 presidente e 2 – presidenta.

Pode-se observar que em falantes da classe baixa há grande variabilidade de termos com relação a falantes da classe média.

Número

10 – LÁPIS

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Singular	Plural
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#

Com relação ao substantivo lápis, observa-se a ocorrência apenas de uma só forma.

11 - ANÉIS

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Singular	Plural
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	

			Mais 40 anos	#	#
--	--	--	--------------	---	---

Em anéis tem-se:

Classe média: 5 ocorrências em plural e uma em singular;

Classe baixa: 2 ocorrências em plural e 5 em singular.

12 – AVENTAIS

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Singular	Plural
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em aventais tem-se:

Classe média: 3 singular e 3 plurais;

Classe baixa: 7 singular e o plurais.

13 - PÃES

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Singular	Plural
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
		Até 1º grau	Menos 40 anos	X	

Baixa	Masculino	2º grau	Mais 40 anos	X	
			Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em pães tem-se:

Três ocorrências em singular e plural para ambas as classes.

14 – MÃOS

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Singular	Plural
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em mãos tem-se:

Classe média: 3 ocorrências em singular e plural

Classe baixa: 2 ocorrências em plural e 5 em singular.

15 - LEÕES

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Singular	Plural
	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X

Média	Feminino	Até 1º grau	Mais 40 anos	X	
			Menos 40 anos	X	
		2º grau	Mais 40 anos	#	#
			Menos 40 anos	X	
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em leões tem-se:

Classe média: 3 ocorrências em singular e plural

Classe baixa: 2 ocorrências em plural e 5 em singular.

16 - DEGRAUS

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Singular	Plural
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#

Em degraus tem-se:

Duas ocorrências em singular e quatro no plural para ambas as classes.

17 - FLORES

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Singular	Plural
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em flores tem-se:

Classe média: uma ocorrência em singular e cinco em plural;

Classe baixa: 3 ocorrências em singular e quatro em plural.

18 - CHAPÉUS

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Singular	Plural
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em chapéus tem-se:

Classe média: duas ocorrências em singular e quatro em plural;

Classe baixa: cinco ocorrências em singular e duas em plural.

19 - ANZÓIS

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Singular	Plural
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em anzóis tem-se:

Classe média: nenhuma ocorrência em singular e seis em plural;

Classe baixa: cinco ocorrências em singular e duas em plural.

20 - OLHOS

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Singular	Plural
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X

	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em anzóis tem-se:

Classe média: nenhuma ocorrência em singular e seis em plural;

Classe baixa: quatro ocorrências em singular e três em plural.

Através destes resultados, pode-se identificar o fenômeno da não marcação do plural nos substantivos. Embora ele esteja presente também na fala de pessoas da classe média, este fenômeno é mais evidenciado em falantes da classe baixa, tornando esta marcação do plural sem ser no substantivo, mas no artigo, uma marca característica presente nos dialetos das classes sociais mais baixas.

III – ADJETIVO

Grau comparativo

21 – GRANDE/PEQUENO

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				Maior/ menor	+ maior/ + menor	+ grande +pequena
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	X		
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	X		
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos			X
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	X		
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	X		
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	#	#	#

Em grande/pequeno, tem-se:

Classe média: seis ocorrências para maior/menor; nenhuma para mais maior/mais menor e uma para mais grande/mais pequena;

Classe baixa: cinco ocorrências para maior/menor; uma para mais maior/mais menor e uma para mais grande/mais pequena.

22 BOM/MAL (RUIM)

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				+ melhor	Melhor + bom	+ gostosa
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos			X
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#

Em bom/mal (ruim) tem-se:

Classe média: uma ocorrência em mais melhor; uma ocorrência em melhor/mais bom e 2 ocorrências em mais gostosa (referindo-se a comida);

Classe baixa: nenhuma ocorrência em mais melhor; duas em melhor/mais boa e três ocorrências em mais gostosa.

Aqui é nítido uma certa equiparação entre as variantes, além de um certo grau de superação em quantidade de elementos da fala popular em falantes da classe média. Nota-se também a preferência a um adjetivo próprio para se referir a comida em detrimento da forma generalizada para adjetivação

IV – PRONOME

Pronomes pessoais

23 – EU / MIM

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Eu	Mim
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#

Em eu/mim tem-se:

Classe média: uma ocorrência de eu para seis ocorrências de mim;

Classe baixa: uma ocorrência de eu para quatro ocorrências de mim.

24 – TU / VOCE

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Tu	Você
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#

Em tu/você tem-se:

Classe média: nenhuma ocorrência em tu e seis em você;
 Classe baixa: nenhuma ocorrência em tu e cinco em você.

25 – TU / VOCE / A GENTE

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				Tu	Você	A Gente
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos			X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos		X	
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos			X
		2º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos	#	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#

Em tu/você/a gente tem-se:

Classe média: nenhuma ocorrência em tu, quatro em você e uma em a gente;

Classe baixa: nenhuma ocorrência em tu, uma em você e duas em a gente.

26 – NÓS / A GENTE

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Nós	A gente
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos		X

Baixa	Feminino	Até 1º grau	Mais 40 anos		X
			Menos 40 anos	X	X
		2º grau	Mais 40 anos	#	#
			Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#

Em nós/a gente tem-se:

Classe média: uma ocorrência em nós e três em a gente;

Classe baixa: uma ocorrência em nós e cinco em a gente.

Aqui fica claro que o uso dos pronomes “você” em lugar de “tu”, “mim” em detrimento de “eu” e “a gente” em detrimento de “nós” ocorre em grande quantidade ou é um fenômeno existente no falar dos dois grupos sociais. Entretanto é digno de nota que mesmo utilizando estes pronomes, os falantes da classe média utilizam com menos frequência a expressão “a gente”, preferindo fazer uso de outras estruturas verbais equivalentes ou simplesmente dando respostas em que a existência de pronomes não se faz necessária.

Pronomes pessoais com preposição

27 COMIGO / COM EU / MAIS EU

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				Comigo	Com eu	Mais eu
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	X		
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	X		
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos	X		
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos			X
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	#	#	#

Em comigo / com eu / mais eu tem-se:

Classe média: seis ocorrências em comigo; nenhuma em com eu e mais eu;

Classe baixa: três ocorrências em comigo, nenhuma em com eu e uma em mais eu.

28 – CONOSCO / COM NÓS / COM A GENTE

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				Conosco	Com nós	Com a gente
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	X		
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos	X		
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos			X
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos			X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos		X	
		2º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#

Em conosco / com nós / com a gente tem-se:

Classe média: três ocorrências em conosco; uma em com nós e com a gente;

Classe baixa: nenhuma ocorrência em conosco, duas em com nós e quatro em com a gente.

Pode-se destacar aqui que ficam evidentes as diferenças lingüísticas entre as duas classe sociais: maior ocorrência de comigo e conosco entre falantes de classe média e maior incidência de com eu, mais eu e com a gente em falantes da classe baixa.

Pronomes possessivos

29 – TEU / SEU

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Seu	Teu
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em teu/seu tem-se:

Classe média: seis ocorrências em seu; nenhuma em teu;

Classe baixa: sete ocorrências em seu; nenhuma em teu

30 – TEU / SEU

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Sua/seu	Tua/teu
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em teu/seu tem-se:

Classe média: seis ocorrências em seu; nenhuma em teu;

Classe baixa: cinco ocorrências em seu; nenhuma em teu.

31 – SEU / DELE

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Seu	dele
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#

Em seu/dele tem-se:

Classe média: nenhuma ocorrência em seu; quatro em dele;

Classe baixa: nenhuma ocorrência em seu; duas em dele.

Aqui torna-se evidente que nos dois grupos, usa-se preferencialmente forma “seu”, que se relaciona com o pronome “você” em detrimento de “teu”, que se relaciona ao pronome “tu”. Nota-se também que o pronome “seu” que se relaciona a terceira pessoa de acordo com a gramática tradicional aqui é utilizado para se referir a segunda pessoa do discurso, sendo que para a terceira pessoa utiliza-se o “dele” em lugar de “seu”. Embora não fosse muito dito pelos entrevistados, as ocorrências que foram coletadas fornecem a base destas afirmações.

Pronomes indefinidos

32 – MENOS / MENAS

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Menos	Menas
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos		X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Em menos/menas tem-se:

Classe média: duas ocorrências em menos; três em menas;

Classe baixa: uma ocorrência em menos; seis em menos.

V – VERBO

Presente do Indicativo

33 -

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				Infinitivo	Presente	Verbo + Gerúndio
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos		X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos		X	
	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos			X
		2º grau	Menos 40 anos		X	

Baixa	Feminino	Até 1º grau	Mais 40 anos		X	
			Menos 40 anos		X	
		2º grau	Mais 40 anos	X		
			Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#

Tem-se:

Classe média: nenhuma em infinitivo; seis em presente e nenhuma em verbo + gerúndio;

Classe baixa: uma em infinitivo; quatro em presente e dois em verbo + gerúndio;

34 - VIVER

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				Verbo + gerúndio	vivem	Vive (véve)
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	X		
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos			X
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos			X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos	#	#	#

Tem-se em viver:

Classe média: uma em vive; três em vivem e nenhuma em verbo + gerúndio;

Classe baixa: dois em vive; uma em vivem e uma em verbo + gerúndio.

35 - OUVIR

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Ouçó	

Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Tem-se em ouvir:

Classe média: cinco em ouço; três não registradas;

Classe baixa: uma em ouço; sete em não registradas.

36 - CABER

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				Cabe	Caibo	Cabo
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos	X		
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	#	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	#	#	#

Tem-se em caber:

Classe média: uma ocorrência em cabe; uma ocorrência em caibo e duas ocorrências em cabo;

Classe baixa: três ocorrências em cabe; uma ocorrência em caibo e nenhuma ocorrência em cabo.

Pretérito Perfeito

37

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Pretérito Perfeito	Verbo + gerúndio
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Percebe-se que a maioria das ocorrências acontece no pretérito perfeito, sendo que as expressões com gerúndio ocorreram apenas em um caso em cada classe social.

38 - DAR

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Dei	Dí
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

Baixa	Masculino	2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
		Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	

Observa-se que para o verbo dar, ocorre somente a forma dei em todos os falantes em que houve o registro do verbo dar, não importando o nível de escolaridade, faixa etária, classe social e sexo.

39 - SABER

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				Fiquei Sabendo	Soube	Sube
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		#	#
			Mais 40 anos		X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos		#	#
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		#	#
			Mais 40 anos			X
		2º grau	Menos 40 anos		#	#
			Mais 40 anos		#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		#	#
			Mais 40 anos		#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos			

O verbo saber, no pretérito é um dos que menos apresentaram registros. Geralmente os entrevistados apresentaram outras estruturas e construções frasais que substituíam ou não necessitavam de utilizar o verbo aqui pesquisado. Desta forma tem-se um corpus bem limitado acerca dele, mas que mesmo assim mostra grande variabilidade, presente principalmente nas falas de entrevistados da classe média.

40 - ESTAR

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Estive	Tive
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#

Tem-se em estar:

Classe média: uma em estive; duas em tive;

Classe baixa: nenhuma em estive; duas em tive.

41 - TRAZER

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				trouxe	truxe
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
		Até 1º grau	Menos 40 anos	X	

	Feminino		Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#

Tem-se em trazer:

Classe média: três em trouxe; duas em truxe;

Classe baixa: duas em trouxe; três em truxe.

42 - PÔR

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				pus	ponhei
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#

Tem-se em pôr:

Classe média: uma em pus; nenhuma em ponhei;

Classe baixa: duas em pus; uma em ponhei.

Futuro do Presente

43

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas		
				Futuro	Pres+inf	Infinitivo
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X		
			Mais 40 anos	#	#	#
		2º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos		X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos	#	#	#

Baixa	Masculino	2º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos			X
		Até 1º grau	Menos 40 anos			X
			Mais 40 anos		X	
	Feminino	2º grau	Menos 40 anos		X	X
			Mais 40 anos	#	#	#
		Até 1º grau	Menos 40 anos		X	
			Mais 40 anos		X	
		2º grau	Menos 40 anos	#	#	#
			Mais 40 anos	#	#	#

Neste quadro tem-se os seguintes dados acerca da formação do futuro do presente:

Classe média: uma ocorrência com verbo no tempo futuro; 3 ocorrências formadas pelo presente mais o infinitivo e duas formadas pelo verbo no infinitivo;

Classe baixa: nenhuma ocorrência com verbo no tempo futuro; 4 ocorrências formadas pelo presente mais o infinitivo e duas formadas pelo verbo no infinitivo.

Futuro do Pretérito

44

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Fut.Pret.	Passado
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	X
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#

Quanto ao futuro do pretérito, tem-se:

Classe média: cinco ocorrências de verbos no futuro do pretérito e três ocorrências no pretérito perfeito;

Classe baixa: uma ocorrência de verbo no futuro do pretérito e quatro ocorrências no pretérito perfeito.

Concordância Verbal

45 – FAZ / FAZEM

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Faz	Fazem
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#

Neste quadro pode-se observar uma situação de troca de verbos, em que para se dizer quanto tempo faz, os entrevistados preferiram usar outros verbos, como “completar” entre outros. Entretanto, mesmo com esta troca, percebe-se que tanto falantes de classe média como de baixa renda utilizam preferencialmente a forma “faz” para dizer a duração de um período.

TER/HAVER em sentido existencial

46 – TER / HAVER

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Ter	Haver
	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#

Média		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos		X
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#

Para Ter/haver no sentido existencial, tem-se:

Classe média: três ocorrências de ter e uma de haver;

Classe baixa: quatro ocorrências de ter e nenhuma de haver.

Com respeito a utilização de verbos, pode-se salientar que uma tendência que se observa tanto nos falantes de classe média como de baixa renda, é a substituição de formar e tempos verbais por locuções verbais com mesmo valor semântico. Isto acontece, por exemplo, com o futuro do presente, em que a forma verbal “eu brincarei” é substituída pela locução verbal “eu vou brincar”.

VI – ADVÉRBIO

Colocação do NÃO em respostas negativas

47

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Adv+verbo Verbo+adv	adv+verbo +adv
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
		Até 1º grau	Menos 40 anos		X

Baixa	Masculino	2º grau	Mais 40 anos	X	
			Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#

48

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Adv+verbo Verbo+adv	adv+verbo +adv
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#

49

Classe	Sexo	Escolaridade	Idade	Formas variantes ocorridas	
				Adv+verbo Verbo+adv	adv+verbo +adv
Média	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#
Baixa	Masculino	Até 1º grau	Menos 40 anos		X
			Mais 40 anos	X	
		2º grau	Menos 40 anos	X	
			Mais 40 anos	#	#

	Feminino	Até 1º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos		X
		2º grau	Menos 40 anos	#	#
			Mais 40 anos	#	#

Quanto a colocação do advérbio de negação, tem-se:

Classe média: 13 ocorrências de colocação do advérbio somente antes ou depois do verbo e uma ocorrência da colocação do advérbio antes e depois do verbo;

Classe baixa: 10 ocorrências de colocação do advérbio antes ou depois do verbo e 3 ocorrências da colocação do advérbio antes e depois do verbo.

4.2 – Análise dos dados

De posse dos dados coletados e sistematizados acima, proceder-se-á agora a análise destes, tendo como base os critérios e princípios da sociolinguística, anteriormente elencados e discutidos neste trabalho.

Primeiramente, é importante que se retome a principal proposta ou objetivo deste trabalho: fazer um estudo comparativo do falar de duas regiões social e historicamente distintas na sua formação. Como aqui o objetivo é comparar, logo é de se perguntar que critérios serão utilizados para fazer esta comparação, ou seja, qual será a postura adotada com relação às variantes no que diz respeito a como uma é encarada com relação a outra.

Uma postura que, a princípio, apresenta-se como sendo passível de uma postura aparentemente neutra, isenta de tendenciosidades, quer para um dialeto, quer para outro. Entretanto, aí é que reside um equívoco. A chamada “Norma Padrão” na verdade não apresenta um caráter de neutralidade, embora pareça que sim. Ela corresponde, isto sim, a uma variedade de prestígio, utilizada por falantes de classes social de prestígio político e econômico dentro de uma sociedade. Tanto que acerca da natureza da Norma Padrão, CAMACHO (1.978) diz:

A norma é um uso lingüístico concreto, e corresponde ao dialeto social praticado pela classe de prestígio. Neste sentido, ela é também chamada de “norma objetiva”, “norma explícita”, “padrão real” (...) representa a atitude que o falante assume em face da norma objetiva. Essa atitude corresponde ao que a classe socialmente prestigiada “espera que as pessoas façam ou digam em determinadas situações”. (CAMACHO. 1.978, p. 33)

Com isto, torna-se evidente que a Norma Padrão não apresenta o caráter de padrão neutro lingüisticamente, antes, é fruto de um processo sócio-histórico e político que fez com que ela viesse a adquirir este status. Como neste trabalho trabalha-se com o dialeto de um grupo socialmente privilegiado e de outro que não possui este status, logo, ao se adotar como parâmetro avaliativo a Norma Padrão, estará privilegiando-se a variedade da classe de prestígio, por esta apresentar maior compatibilidade e proximidade com a Norma Padrão.

Optou-se, portanto, em estabelecer uma relação contrastiva entre as duas variantes, encarando a Norma Padrão como sendo a forma que corresponde ao dialeto das classes sociais de prestígio, ou seja, negando o caráter de neutralidade aparente que a ela é atribuído.

Outro ponto também a ser levado em conta é que as diferenças lingüísticas constatadas nestes dois dialetos estão interligados a profundas diferenças identitárias, de cunho histórico, ou seja, a história de colonização e de ocupação destes espaços geográficos, os valores sociais e éticos bem como fatores subjetivos e psicológicos influenciam na constituição da identidade lingüística destas comunidades.

Feitas tais considerações, far-se-á agora a análise dos dados, destacando pontos relevantes da pesquisa. Como todo corpus de análise, vários dados podem ser extraídos dele, mas aqui serão destacados os de maior relevância e que, por assim dizer, ajudam a cumprir o objetivo principal deste trabalho, que é fornecer uma visão panorâmica das características lingüísticas destas comunidades.

A pesquisa se concentrou em aspectos morfossintáticos, sendo abordado a questão do emprego do artigo, do substantivo, dos adjetivos, dos pronomes, de alguns aspectos do emprego dos verbos, bem como de advérbios.

No que diz respeito ao emprego do artigo antes de nome próprio, constatou-se que falantes das duas classes o empregavam, não havendo, portanto, neste quesito, diferenças entre os falantes destas duas comunidades. Semelhança também foi encontrada com relação ao emprego do gênero nos substantivos “alface”, “cal” e “guaraná”, ocorrendo em “alface” apenas um caso do emprego da palavra em masculino por um falante da classe baixa, sendo que os demais entrevistados empregaram no feminino; todas as ocorrências da palavra “guaraná” se deram no masculino.

Um fenômeno curioso se deu com relação à palavra “cal” que, embora de acordo com a gramática normativa é uma palavra de gênero feminino (a cal), foi vertida pela quase totalidade dos falantes como de gênero masculino (o cal), ocorrendo somente uma vez no feminino por um falante de classe média. Isto evidencia que esta troca do gênero feminino para o gênero masculino não é um fenômeno constante somente na fala das classes menos favorecidas, mas sim que possui uma certa generalização no caso de nossa cidade, tornando-se quase como que única a forma de verter no masculino.

Outro ponto em que ambas as comunidades se assemelham lingüisticamente é no que diz respeito e com relação ao emprego do feminino de “chefe” e “presidente”, prevalecendo de forma quantitativa igual a ocorrência da forma comum de dois gêneros, com diferenciação feita através do artigo (o chefe/a chefe; o presidente/a presidenta). De forma também idêntica nas duas comunidade se deu a ocorrência da forma feminina marcada pela desinência (chefe/chefa; presidente/presidenta)

Se por um lado existem certas semelhanças com relação as formas de gênero em algumas palavras, no caso do feminino de alemão e de ladrão, observa-se entre falantes de classe média e baixa algumas diferenças, sendo que por parte dos falantes da classe média a tendência é seguir o padrão da Norma Padrão, enquanto falantes de classe baixa tendem a uma variabilidade dos vocábulos. A exemplo, no caso do feminino de alemão, para falantes da classe média existe a ocorrência somente de “alemã” (4). Já para falantes de classe baixa, ocorrem três vocábulos distintos: “alemanhense” (3), “alemã” (3) e “alemoa”(1). Já no caso do feminino de ladrão, ocorrem duas palavras: “ladra” (4) e “ladrona” (2). Já para falantes de classe baixa, ocorre um comum de dois gêneros – “ladrão” (2) –

“ladra” (3) e “ladrona” (2). Desta forma, percebe-se que há uma tendência ao conservadorismo no caso de falantes de classe média e uma maior liberdade de criação vocabular entre falantes de classe baixa.

Já acerca da questão do número do substantivo, observou-se a tendência de apagamento dos plurais no substantivo, sendo que estes passaram a ser marcados pelos artigos. Das 136 ocorrências registradas, as quais deveriam ser todas no plural, de acordo com a gramática normativa, 61 ocorreram em singular e 75 em plural. A classe média apresenta maior índice de ocorrências de substantivos na forma de plural (44), mas mesmo assim apresenta também um índice de 16 registros no singular. Já com a classe baixa, a situação é inversa. Maior número de formas no singular (45) e menor no plural (31).

Com isto, observa-se que o fenômeno em que a marcação de plural deixa de recair sobre o substantivo, passando para outra palavra dentro da oração. De acordo com diversos estudiosos, isto acontece principalmente em falantes das classes menos privilegiadas, tornando-se assim uma marca bem conhecida dos dialetos de grupos desta classe social. Entretanto, pode-se notar que no caso particular em análise, este fenômeno também acontece com falantes de Pontes e Lacerda que pertencem a classe média, embora em escala menor que nos falantes de extratos sociais inferiores.

Acerca do uso dos graus comparativos, pode-se observar que para comparar tamanho (grande/pequeno) as formas mais utilizadas são “maior/menor” constatando também as formas “mais grande/mais pequena” com um registro em cada grupo social e uma forma “mais maior/mais menor”, registrada em um falante da classe baixa. Já para designar qualidade (bom/mal), a forma mais preferencial foi “mais (adjetivo)”, seguido pelas formas “melhor/mais bom” e por último a ocorrência da forma “mais melhor” na resposta de um falante da classe média.

É interessante o abandono ou a procura em se evitar as formas “mais bom”, “mais melhor” por formas em que se expressam a qualidade com maior exatidão, como “mais gostoso”, “mais novo”, “mais bonito”, dentre outras. Talvez isto possa ser um reflexo também da estigmatização que tem sofrido as formas “mais melhor”, “mais pior” o que faz com que as pessoas também confundam com

“mais bom”, gerando um impasse lingüístico ao locutor, fazendo com que ele lance mão de outras estruturas e de outras formas de dizer o que deseja.

Com relação ao uso dos pronomes pessoais, constatou-se que mesmo em falantes da classe média são comuns construções frasais como “Essa tarefa é para *mim* fazer”, ao contrário do uso do pronome em “Essa tarefa é para *eu* fazer”, embora a forma que utiliza o “*mim*” seja estigmatizada, por estar presente nos dialetos de pessoas de classe sociais não privilegiadas. Nota-se também o uso do pronome de tratamento “você” no lugar do pronome reto “tu”. Observou-se também a existência do uso do “você” e de “a gente” em enunciados explicativos. “A gente” também é utilizado como substituto do pronome reto “nós” em grande quantidade por falantes das duas classes, estabelecendo-se assim um padrão lingüístico de substituição de alguns pronomes por outros.

Relativo ao uso de pronomes com preposição, nota-se que “comigo” é usado preferencialmente por falantes das duas classes sociais, em oposição ao “com eu” e “mais eu”, mantendo uma semelhança entre os usos de falantes das duas comunidades lingüísticas. Já em se tratando da segunda pessoa do plural, há uma maior ocorrência de “conosco” entre falantes de classe média e “com a gente” em falantes da classe baixa. Logo, nota-se que “a gente” é um elemento presente nos dialetos de classes populares.

Outro fenômeno é a o abandono do pronome possessivo “teu”, correspondente a segunda pessoa do discurso, sendo que em seu lugar passa a atuar o pronome “seu” que corresponde a terceira pessoa do discurso, que então é ocupado pelo pronome “dele”.

Constatou-se também a existência da variante do pronome definido menos e sua forma variante “menas”, sendo que esta estava presente em maior quantidade no falar de pessoas da classe baixa. Entretanto, mesmo nos registros das falas de pessoas da classe média, está presente esta forma, considerada também como sendo peculiar das classes baixas.

Com relação aos verbos, observou-se que os verbos que apresentam bastante variação geralmente eram evitados nas respostas, sendo utilizados verbos sinônimos com estrutura de conjugação conhecida. Entretanto, pelas respostas dadas, pode-se observar que quanto as formas, os falantes de classe média utilizavam na maioria dos casos das formas reconhecidas pela Norma Padrão,

enquanto os falantes da classe baixa utilizavam-se de várias formas, algumas delas estigmatizadas.

O mesmo também se deu com os verbos conjugados no pretérito perfeito. Geralmente os locutores substituíam os verbos por outros de sentido similar e com estrutura de conjugação mais conhecida. Entretanto, pode-se perceber que os falantes das duas classes sociais utilizam as mesmas formas, exceto por algumas ocasiões em que utilizam a forma verbal + gerúndio. Nas formas em que há grande variabilidade mórficas, o entrevistado fazia a substituição por estruturas ou verbos que dispensavam o uso da forma estudada.

Já com relação a formação do futuro, percebe-se que tanto para a classe média, bem como para a classe baixa, este se fazia através de uma locução verbal em que há um verbo no presente e a forma verbal principal no infinitivo, ou simplesmente com o uso do infinitivo nas respostas, não existindo praticamente nenhuma diferença entre os falantes de classes distintas.

Com relação ao futuro do pretérito, observou-se que existe diferença na maneira que os falantes das duas classes conjugam. Nos falantes de classe média, encontra-se na maior parte dos casos o verbo conjugado no futuro do pretérito. Já em falantes de classe baixa, encontram-se os verbos conjugados no pretérito perfeito.

Foi constatado também o uso do verbo *ter* no lugar de *haver* em sentido existencial, cuja incidência maior ocorre entre falantes de classe baixa, sendo, portanto, outra característica do dialeto deste grupo. Entretanto, mesmo entre pessoas de classe média foi encontrado este fenômeno, evidenciando que está cada vez mais comum e aceito.

Por fim, com relação ao uso do advérbio de negação, constatou-se que a estrutura mais utilizada, tanto por falantes da classe média como da classe baixa é a advérbio+verbo ou verbo+advérbio, como em “Eu *não vou*” ou “Eu *vou não*” em detrimento da forma advérbio+verbo+advérbio, como em “Eu *não vou não*”.

Pelo que se viu até agora, pode se afirmar que devido a possuírem uma história de constituição e construção diferentes, estas duas sociedades carregam em seu repertório lingüístico as marcas de sua história, de suas influencias, de seu passado constitutivo.

Isto não significa que elas se mantêm e mantiveram-se distantes, nem que não existe intercâmbio lingüístico. Antes, como foi demonstrado, estas duas comunidades possuem comportamentos lingüísticos semelhantes, particularidades em comum, que evidenciam um certo grau de influência, tanto da parte de um como de outro. E este trabalho demonstra isto. Mostra que cada um destas das comunidades possuem seu modo de se expressar, com particularidades, diferenças, características únicas. Mas estas também possuem estruturas comuns, que muitas vezes deixam de serem observadas, analisadas.

Enfim, longe de querer rotular tal grupo social como falando melhor ou pior do que aquele outro grupo, este trabalho tem como objetivo levar a uma reflexão e uma melhor compreensão acerca das dinâmicas sociais existentes em Pontes e Lacerda e, quem sabe, despertar o olhar de outros sobre este objeto, procurando entender melhor este espaço dinâmico.

Acredita-se que uma melhor compreensão destes fatos ajudará a encarar de maneira menos preconceituosa, dogmática ou etnocentrista as diferentes manifestações lingüísticas, fruto da interação de diferentes povos, pessoas e culturas que habitam neste espaço. Enfim, ver com olhos que possam entender melhor, compreender e respeitar estas manifestações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados coletados, pode-se concluir que:

As condições sócio-econômicas e culturais envolvendo os falantes destas duas comunidades influenciam o modo com que elas se relacionam com a língua.

Embora tratem-se de comunidades socialmente distintas, há uma certa semelhança e interpenetração de características lingüísticas de uma comunidade em outra. Desta forma, foi possível encontrar elementos que aparecem com muita frequência no falar característico de pessoas de baixa renda em falantes de classe média. O mesmo também se dá na ordem inversa, ou seja, características presentes na fala de pessoas de classe média presentes na linguagem de falantes de baixa renda.

Tais interpenetrações as vezes chegam a ser tão nítidas que, em alguns momentos da pesquisa tem-se a impressão de que não se tratam de duas comunidades diferentes, mas de uma só. Entretanto, é necessário cuidado ao tecer qualquer afirmação a respeito desta temática, pois assim pode-se desconsiderar vários fatores, históricos e ideológicos na constituição destas diferentes comunidades.

Enfim, a conclusão que pode-se chegar é que tais comunidades sofreram e sofrem ainda o peso histórico e ideológico na constituição de seus espaços geográficos e sociais. Fechar os olhos para tais fatos é ignorar o próprio caráter histórico, social, ideológico e político da língua. E sem estes, não é possível uma clara compreensão dos fenômenos lingüísticos nestes espaços sociais.